

DALLAS WILLARD E A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ PÓS-MODERNA: UMA ANÁLISE DA FORMAÇÃO ESPIRITUAL COMO RESPOSTA

Dallas Willard and Postmodern Christian Spirituality: An Analysis of Spiritual Formation as Response

Armando Peixoto¹

Me. Gustavo Albernaz²

Dr. Pedro Veiga³

RESUMO

Este artigo explora o pensamento de Dallas Willard e sua contribuição à formação espiritual cristã contemporânea. No primeiro capítulo, são delineados a biografia do autor, abordando sua visão sobre discipulado, Reino de Deus, formação espiritual e disciplinas espirituais. No segundo capítulo, examina-se a crise paradigmática na sociedade atual, evidenciando reações à espiritualidade cristã. Willard, por meio de sua perspectiva protoevangélica, emerge como uma alternativa equilibrada, transcendendo o isolamento social, o individualismo e outras características da pós-modernidade. Ao conectar as ideias de Willard aos desafios contemporâneos, destaca-se sua relevância duradoura para uma vida cristã autêntica. Nesse contexto, onde a sociedade busca significado em uma realidade complexa e

¹ É mestrando em Teologia sistemático-pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio. É pastor batista e conferencista, atualmente presidente da Primeira Igreja Batista em Ribeirão Preto / SP. E-mail: armandopeixotopr@gmail.com

² É autor, pesquisador, conferencista internacional e membro da Primeira Igreja Batista de Teresópolis/RJ. Doutorado em Teologia Sistemático-Pastoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio. Além disso, é membro ativo da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica - ABIB, da Evangelical Homiletics Society - EHS e da Academy of Homiletics. E-mail: gustavo.greenfruit@gmail.com

³ Doutorando e Mestre em Teologia Sistemático-pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pós-graduado em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão, e Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB). Graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade do Norte (UNINORTE). Atualmente é Professor do STBSB, para o curso de Graduação em Teologia, Gerente de Formação Missionária na Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira - CBB e pastor presidente da Igreja Batista em Jardim Clarice, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Pesquisador e conferencista, atua nas áreas da pastoral cristã, missiologia e teologia sistemática. E-mail: pedro.dveiga@gmail.com

fluida, as contribuições de Willard ressoam como um chamado à formação espiritual profunda e à vivência autêntica do Evangelho.

Palavras-chave: Dallas Willard. Pós-modernidade. Formação espiritual. Discipulado. Protoevangelicalismo.

ABSTRACT

This article explores the thinking of Dallas Willard and his contribution to contemporary Christian spiritual formation. In the first chapter, the author's biography is outlined, addressing his perspectives on discipleship, the Kingdom of God, spiritual formation, and spiritual disciplines. The second chapter examines the paradigmatic crisis in contemporary society, highlighting reactions to Christian spirituality. Willard, through his protoevangelical perspective, emerges as a balanced alternative, transcending social isolation, individualism, and other characteristics of postmodernity. By connecting Willard's ideas to contemporary challenges, his enduring relevance for authentic Christian living is emphasized. In a context where society seeks meaning in a complex and fluid reality, Willard's contributions resonate as a call to deep spiritual formation and an authentic experience of the Gospel.

Keywords: Dallas Willard. Postmodernity. Spiritual Formation. Discipleship. Protoevangelicalism.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa contextualizar e analisar o pensador Dallas Willard ao leitor, principalmente quanto a sua obra de caráter espiritual. O autor, um filósofo, teólogo e autor espiritual, desempenhou um papel fundamental na formação espiritual cristã contemporânea. O capítulo inicial aborda sua biografia, destacando eventos-chave, como sua carreira acadêmica distinta e sua obra literária. A análise subsequente abordará a epistemologia de Willard, centrada na influência do conhecimento na realidade, e sua antropologia, que desmembra o ser humano em componentes interconectados. Esses elementos fornecem a base para compreender sua abordagem única à formação espiritual e ao discipulado cristão, temas centrais deste artigo.

Em seguida, na seção 1.4 aborda-se a perspectiva de Dallas Willard sobre o discipulado e o Reino de Deus, criticando a ênfase contemporânea na gestão de pecados em detrimento da formação real de discípulos de Jesus. Willard destaca a centralidade do Reino de Deus na doutrina de Jesus, contrapondo a visão de apenas serem perdoados. Ele propõe uma vida alinhada com a vontade de Deus e critica a limitada compreensão do Evangelho por parte dos cristãos contemporâneos, defendendo uma vida semelhante a Jesus (*Christlikeness*).

Na seção 1.5, a atenção se volta para a formação espiritual, definida por Willard como a assimilação das qualidades de Cristo. Ele destaca a importância de "ouvir a Deus", ressaltando que a leitura da Bíblia não substitui a experiência pessoal e a orientação do Espírito Santo. Willard oferece orientações práticas para a escuta de Deus, enfatizando um relacionamento pessoal e contínuo com o Criador.

Por fim, ao final do primeiro capítulo, na seção 1.6, aborda-se a perspectiva de Dallas Willard sobre as disciplinas espirituais e a transformação cristã, explorando o dilema entre pecar e não pecar. Willard enfatiza a necessidade de escolher seguir Jesus e abster-se do pecado, destacando que tal compromisso demanda esforço intencional, indo além da mera crença correta. Ele critica a ênfase histórica em doutrinas abstratas, defendendo que a espiritualidade cristã deve provocar mudanças tangíveis na vida cotidiana. O autor destaca o papel crucial das disciplinas espirituais, incluindo solidão, silêncio, jejum e frugalidade, na formação do caráter e na transformação espiritual. Ele rejeita a separação entre espiritualidade e corpo,

argumentando que o corpo é fundamental para a interação divina e a redenção humana. O autor ressalta a importância do esforço humano nesse processo, afirmando que as disciplinas espirituais são moldes que permitem direcionar o corpo para uma vida mais alinhada com Cristo.

No segundo capítulo, o artigo destaca a crise paradigmática decorrente da desintegração da modernidade. A falta de verdades norteadoras na sociedade do século XXI é apontada como causa do cenário complexo. Duas reações polarizadas neste contexto à espiritualidade cristã são identificadas: o isolamento social, uma “*fuga mundi*”, e o individualismo, caracterizado pela perda de identidade no contexto pluralista. A diversidade é abordada como um elemento essencial para uma espiritualidade de diálogo, transformadora e competente.

O paradigma pós-moralista é discutido em relação à busca individual por autorrealização na sociedade contemporânea. A transição entre a modernidade sólida e líquida é abordada, destacando o consumismo e a valorização das pessoas com base em suas posses. Por fim, a abordagem do pós-estruturalismo é introduzida, destacando a relevância da desconstrução no diálogo com as obras sobre espiritualidade cristã. O capítulo encerra com uma perspectiva otimista, reconhecendo a oportunidade para o despertar da espiritualidade no indivíduo pós-moderno imerso em uma realidade “*fluida-ressequida*”.

No último capítulo do artigo, explora as perspectivas de Willard sobre o atual interesse nas disciplinas espirituais e formação espiritual na pós-modernidade. A primeira característica abordada é a epistemologia moderna e pós-moderna, confrontadas pela posição realista de Willard, fundamentada no pensamento de Edmund Husserl. Ele critica o construtivismo e identifica na fenomenologia husserliana evidências da existência objetiva de objetos independentes da mente. A teologia de Willard, alinhada ao realismo, desafia conceitos pós-modernos como pluralismo e relativismo.

O segundo ponto abordado é o protoevangelicalismo de Willard como uma alternativa para a espiritualidade contemporânea. Contrapondo-se a abordagens reducionistas, o protoevangelicalismo busca uma compreensão profunda da vida cristã, enfatizando a transformação pessoal em direção à semelhança com Cristo (*Christlikeness*). Sua proposta destaca a importância da formação espiritual e das disciplinas espirituais como uma perspectiva mais apropriada para viver a vida cristã. Willard guia os cristãos contemporâneos em direção a um futuro mais promissor, removendo as lentes distorcidas da modernidade e pós-modernidade.

1. DALLAS WILLARD

Para se iniciar a análise e proposta deste artigo, torna-se evidente a necessidade de se apresentar Dallas Willard ao leitor. Tem-se um problema e uma resposta a oferecer, tal proposta passa pela obra e percepção espiritual deste autor. Cabe a este primeiro capítulo apresentá-lo, bem como a formação espiritual, axial neste trabalho. Primeiramente será abordada a biografia do autor, a fim de compreender melhor seus enunciados. Em seguida será analisada sua antropologia, distinta e valiosa para interpretar sua obra. Em seguida, se escrutina a ideia base de Dallas, de que as igrejas cristãs não estão formando discípulos de Cristo, para o autor “o discipulado não é parte essencial do cristianismo hoje”⁴, e ainda, “o desaparecimento de Jesus como mestre explica porque hoje nas igrejas cristãs - de qualquer tendência - pouco se faz para ensinar as pessoas a fazerem o que ele (Jesus) fez e pregou”⁵. Logo após, passa-se a discutir a formação espiritual propriamente dita e por fim, as disciplinas espirituais, o coração prático de sua proposta.

⁴ SCHELLER, Christine A. ‘Divine Conspirator’ Dallas Willard Dies at 77: Dallas Willard was on a quiet quest to subvert nominal Christianity. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/2006/september/27.45.html>. Acesso em: 23/08/2023, n.p.

⁵ WILLARD, Dallas. *A conspiração divina: um roteiro para trilhar no caminho de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 47.

1.1 A VIDA E CARREIRA DE DALLAS WILLARD: FILÓSOFO, TEÓLOGO E AUTOR ESPIRITUAL⁶

Dallas Albert Willard (1935-2013)⁷ nasceu em Buffalo, Missouri, EUA. Ainda adolescente não via sentido em aceitar uma salvação que fosse um fim em si mesma. Ele alegava que “agir de certas maneiras simplesmente é inconsistente com ter a vida eterna”.⁸

Ele teve uma carreira brilhante que incluiu diplomas de graduação em psicologia em 1956, e em Teologia e Filosofia da Religião em 1957. Após seus estudos de graduação, completou seu PhD na University of Wisconsin em 1964, com ênfase em Filosofia e uma especialização secundária em História da Ciência. Lecionou Filosofia na University of Southern California, desde 1969 até a sua aposentadoria em 2012 devido a sua luta contra o câncer de pâncreas. Entre suas especialidades estão: metafísica sistemática, ontologia de conceitos, linguagem e pensamento, fenomenologia, história da ética e filosofia da religião. Ele era particularmente renomado por sua expertise no filósofo alemão Edmund Husserl, publicando seu próprio livro sobre Husserl em 1984.⁹

Apesar de sua carreira acadêmica, Willard foi um grande autor no campo da formação espiritual. Ele enfatizava a importância de viver intencionalmente a vida cristã diária de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo e promovia exercícios espirituais como a oração, o serviço, o estudo, o culto, a solitude e o jejum como meios de crescer em semelhança a Cristo¹⁰ pela graça de Deus. Seu primeiro livro cristão foi publicado também em 1984.¹¹

Dallas deixou o ministério pastoral para estudar filosofia (...) Deus lhe disse: “Se você permanecer nas igrejas, a universidade estará fechada para você; mas se você permanecer na universidade, as igrejas estarão abertas para você”.¹² Ele constrói sua reputação acadêmica estudando Edmund Husserl e “assim como seu autor preferido, Willard acredita que podemos ter experiências diretas com o mundo que transcendem as barreiras culturais e linguísticas”.¹³ Nota-se que “a filosofia é tanto sua vocação principal quanto a base de sua escrita devocional”.¹⁴

Sobre a vida pessoal e as influências religiosas de Willard, afirma-se que ele “tinha apenas 19 anos quando se casou com Jane. Eles se conheceram na biblioteca da Tennessee Temple University, em Chattanooga. (...) tiveram dois filhos, John e Becky”.¹⁵ Foi ela quem o “incentivou a escrever *The Divine Conspiracy*, depois que ele passou vários anos ensinando seus princípios a grupos da igreja”.¹⁶ É digno de nota que frequentou uma pequena igreja Quaker na década de 1970. O fundador do movimento *Renovaré*, Richard Foster, era o pastor desta igreja, embora ainda recém-formado viria a escrever o livro *Celebration of Discipline* (considerado um dos dez melhores livros cristãos do século

⁶ NEFF, David (edit.). Books of the century: leaders and thinkers weigh in on classics that have shaped contemporary religious thought. *Christianity Today*. Vol. 44, Nº 5, p. 1-130, 2000., n.p.

⁷ RENOVARÉ. **People**: In Memoriam. Disponível em: <https://renovare.org/about/people>. Acesso em: 02/10/2023, n.p.

⁸ SCHELLER, 2023, n.p.

⁹ WILLARD, Dallas. **Logic and the objectivity of knowledge**. Athens: Ohio University, 1984, p. 1.

¹⁰ “Imitar Cristo não se trata de fingir ou de representar, mas de participar em algo real: o teodrama ou, como Dallas Willard o chama, o reino de Deus se tornando presente na terra como é no céu. O discípulo é um ator no drama de redenção de Deus, uma pessoa que demonstra seu conhecimento de Deus por meio de uma interação viva com Deus e com os outros” (VANHOZER, Kevin J. Putting on Christ: spiritual formation and the drama of discipleship. *Journal of Spiritual Formation & Soul Care*. Vol. 8, Nº 2, p. 147-171, 2015, p. 166).

¹¹ WILLARD, Dallas. **In search of guidance**. Ventura: Regal Books, 1984, p. 1.

¹² SCHELLER, 2023, n.p.

¹³ SCHELLER, 2023, n.p.

¹⁴ SCHELLER, 2023, n.p.

¹⁵ SCHELLER, 2023, n.p.

¹⁶ SCHELLER, 2023, n.p.

segundo a revista *Christianity Today*).¹⁷ Foster declarou: “Quando eu ensinava, as pessoas podiam vir, mas quando Dallas ensinava, elas traziam seus gravadores”.¹⁸

Ao longo da década de 1990, Dallas começou a ministrar cursos de uma semana em programas de mestrado em várias universidades em todo os EUA e Canadá, tornando-se parte anual do programa de Doutor em Ministério da Fuller Theological Seminary. Seus esforços contribuíram significativamente para a promoção da formação espiritual e do discipulado cristão em um contexto acadêmico.

A carreira de Dallas Willard incluiu a publicação de vários livros cristãos notáveis, incluindo “*Hearing God*”, “*The Spirit of the Disciplines*”, “*The Divine Conspiracy*”, “*Renovation of the Heart*”, “*The Great Omission*” e “*Knowing Christ Today*”. Dallas teve um papel central no movimento de formação espiritual do Cristianismo Protestante. Como afirma Porter:

Dallas costumava brincar que “Filósofos vão mais fundo, ficam mais tempo e emergem mais secos do que qualquer outra pessoa”. Sem dúvida, Dallas foi mais fundo e permaneceu mais tempo quando se tratava do discipulado transformador a Jesus. O que ele trouxe de volta pode ter sido desafiador, mas eu hesitaria em chamá-lo de seco. As palavras de Dallas canalizaram as águas vivas do Espírito.¹⁹

1.2 EPISTEMOLOGIA DE DALLAS WILLARD: CONHECIMENTO, FÉ E REALIDADE

Como grande parte do trabalho de Dallas Willard se concentrou na filosofia de Edmund Husserl (a dissertação de Willard e suas primeiras publicações filosóficas em grande parte defendem um realismo husserliano sobre a relação mente-mundo²⁰) é imperativo abordar a epistemologia de Willard.

Sua epistemologia é abordada no livro *Knowing Christ Today*, para Dallas Willard o conhecimento só é válido se ele influenciar a realidade de maneira concreta. E isso se encaixa bastante no entendimento do autor sobre espiritualidade²¹. Willard acredita que o conhecimento desempenha um papel essencial na fé e no relacionamento com Deus na vida espiritual. Ele define a fé como um compromisso com a ação, muitas vezes além das habilidades naturais humanas, com base no conhecimento de Deus e de seus caminhos. Para Willard, as pessoas têm conhecimento de algo quando representam a coisa como ela realmente é com base em pensamento e experiência apropriados, no caso, para Jesus, Deus e seu Reino são a realidade última, portanto assim deveria ser para seus discípulos.²²

Ele enfatiza que o conhecimento é essencial para acessar a realidade e que agir com base em crenças falsas ou não fundamentadas leva a encontros destrutivos com a realidade. No entanto, muitos cristãos professam crença nessas realidades (Deus e seu Reino), mas não as conhecem verdadeiramente, o que os deixa dependentes apenas da força de vontade ou dos sentimentos para sustentar suas vidas espirituais.²³ Willard, afirma que é imperativo, portanto, a mudança do “conhecimento cristão do domínio da mera crença e tradição, de uma religião de meros fatos, por mais sagrados que sejam os fatos, a uma religião dinâmica de comunhão interativa na qual Cristo vivo desempenha um grande papel”.²⁴

¹⁷ NEFF, 2000, p. 92.

¹⁸ SCHELLER, 2023, n.p.

¹⁹ PORTER, Steve L. Editorial introduction in memoriam: Dallas Willard (September 4, 1935–May 8, 2013). *Journal of Spiritual Formation & Soul Care*, 2013, Vol. 6, N° 2, p. 149.

²⁰ PORTER, Steve L. The Willard Corpus. *Journal of Spiritual Formation & Soul Care*, 2010, Vol. 3, N° 2, p. 264.

²¹ WILLARD, Dallas. *Knowing Christ today: why we can trust spiritual knowledge*. New York: Harper One, 2009, p. 33-34.

²² PORTER, 2010, p. 264-265.

²³ PORTER, 2010, p. 264-265.

²⁴ WILLARD, 2009, p. 143.

1.3 RENOVAÇÃO DO CORAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO INTEGRAL: A AN-TROPOLOGIA DE DALLAS WILLARD

Em seu livro, *Renovation of the Heart*, Dallas divide²⁵ o Ser Humano em: corpo, alma, dimensão social, mente (pensamentos e sentimentos) e espírito (também chamado de “vontade” ou “coração”).²⁶ Desta forma é necessário neste artigo o aprofundamento da antropologia *Willardiana*, já que o autor dá muita ênfase ao corpo nas disciplinas espirituais e tem conceitos diferentes dos usuais, por exemplo, para coração, alma e espírito. Ele escreve:

O ‘coração’, ‘espírito’ e ‘vontade’ (ou seus equivalentes) como palavras que se referem a um e mesmo componente fundamental da pessoa. São apenas diferentes aspectos. ‘Vontade’ se refere ao poder de iniciar, criar, trazer à existência algo. ‘Espírito’ se refere à sua natureza fundamental, distinta e independente da realidade física. E ‘coração’ se refere à sua posição no ser humano, como o centro ou núcleo ao qual cada outro componente do ser deve seu funcionamento adequado.²⁷

Ele alega que há seis partes integrantes e inseparáveis, que compõem a vida humana. São elas: 1) Pensamento (imagens, conceitos, julgamentos, inferências); 2) Sentimento (sensação, emoção); 3) Espírito ou Vontade ou Coração (decisão, escolha, caráter); 4) Corpo (ação, interação com o mundo físico); 5) Dimensão social (relações pessoais e estruturais com os outros); e 6) Alma (o fator que integra todos os aspectos acima para formar uma vida). O ideal da vida espiritual na compreensão cristã é aquele em que todas as partes essenciais do eu humano são efetivamente organizadas em torno de Deus, à medida que são restauradas e sustentadas por ele.²⁸

Com este foco, de tudo se organizar em torno de Deus e sua vontade, faz-se necessário algumas transformações em cada uma dessas partes da vida humana:

A) Transformando a Mente no nível dos pensamentos: para o autor, há muitos motivos hoje porque a formação a semelhança de Jesus (*Christlikeness*) não é amplamente e poderosamente disponível para os seres humanos, desconhecida até. Uma das principais são as alternativas de ajuda e cura meramente humanas que não vão de encontro à mudança da mentalidade mundana. Para o autor, é necessário formar o que ele chama de “a mente de Cristo”, isto é, “suas (de Cristo) ideias, imagens, informações e padrões de pensamento”, em seus seguidores, pois este é o único caminho para “a libertação de todas as dimensões do eu humano”.²⁹

²⁵ “É claro que Dallas era um dualista de substância no sentido de que a pessoa ou o “eu” é uma substância espiritual ou pessoal que não é idêntica ao seu corpo. No entanto, embora Dallas tenha dito em um lugar: “Você é uma realidade não física com um corpo físico” ele não era um dualista cartesiano. Ele expressa concordância com escritos fenomenológicos e existencialistas ao “negar que o corpo seja “apenas físico”, apenas algum dispositivo mais ou menos mecânico incidentalmente associado a uma mente ou eu puramente espiritual.” Falando da dicotomia (platônica e cartesiana) entre a parte não física (a alma, espírito, eu) e a parte puramente física (o corpo) da pessoa, Elane O’Rourke afirma categoricamente: “Dallas não aceitava essa dicotomia (...). Isso significa que não somos essencialmente espíritos ou almas que por acaso estão alojados em corpos”. Desta maneira surge a “Alma” em sua Antropologia, que segundo Moreland, “esta área de sua antropologia é a mais desconcertante. A melhor coisa a dizer neste ponto é que, para Dallas, a alma é um modo ou parte inseparável da pessoa, considerada como uma entidade primitiva inalisável, assim como os outros quatro modos, exceto que a alma é o aspecto mais profundo da pessoa. Além disso, é um modo não físico que reside na pessoa (e, nesse sentido, a pessoa é o assento da alma), mas a alma, embora seja um aspecto da pessoa, funciona para reunir e unificar em uma vida única as atividades de todas as outras dimensões. Dessa forma, a alma é a fonte e o princípio coordenador da vida da pessoa” (...) Assim, o Aristotelismo Metafísico explica e implica as coisas no modelo de Dallas que eram importantes para ele: (1) A pessoa humana é uma substância imaterial, ou seja, a entidade particular fina ou alma. (2) A entidade unificadora, em desenvolvimento e coordenadora é a essência da alma. Ela contém e organiza/coordena suas várias faculdades/modos (por exemplo, mente, emoções), e o corpo é um modo da alma, assim como as outras faculdades. Portanto, na minha opinião, há um fator unificador para os aspectos da pessoa humana; é a essência da alma, não a alma em si. (3) O corpo não é apenas físico. O aspecto físico do corpo contém sulcos formados habitualmente que devem ser substituídos por meio de práticas corporais que moldam os sulcos do corpo mais de acordo com a natureza do Reino. O aspecto espiritual do corpo contém significados, sensações e outros estados conscientes, uma vez que a alma está completamente presente no local da, digamos, sensação, e o corpo enquanto alma contém o estado consciente” (MORELAND, J. P. Tweaking Dallas Willard’s Ontology of the Human Person. *Journal of Spiritual Formation & Soul Care*, 2015, Vol. 8, No. 2, p. 190,192,198-202).

²⁶ O’ROUKE, Elane. *A Dallas Willard Dictionary*. [S.l.]: Soul Training, 2013, p. 82.

²⁷ WILLARD, Dallas. *Renovation of the heart: putting on the character of Christ*. Colorado Springs: Nav Press, 2002, p. 33.

²⁸ WILLARD, 2002, p. 35.

²⁹ WILLARD, 2002, p. 133-134.

B) Transformando a Mente no nível dos sentimentos: atribui-se aos sentimentos uma importância maior do que merecem, segundo Willard. Os sentimentos não devem servir de base para a ação ou a mudança de caráter. Essa função cabe à percepção, compreensão e convicção da verdade, que sempre estarão apropriadamente acompanhadas de sentimentos, mas não controladas por eles. Em parte devido a sua base defeituosa de compromisso, a área dos sentimentos é, segundo Dallas, o local mais provável de derrota para aqueles que sinceramente buscam seguir Cristo hoje. Os sentimentos, para Dallas Willard, podem induzir um grande sentimento de culpa falso ou ações impulsivas motivadas pelo que sentimos ou não sentimos, como no divórcio, por exemplo. Segundo ele, a formação espiritual apropriada em Cristo impedirá que os sentimentos sejam a base das decisões humanas. Para ele, é necessário o entendimento de como o amor, a alegria e a paz (portanto, a verdade) podem ser a porção humana em todos os estados da vida e podem conduzir a uma eternidade radiante com Deus.³⁰

C) Transformando a espírito-vontade-coração: Willard não sugere que se deve deixar de ter uma “vontade própria”, isso é impossível para as pessoas. A transformação da qual ele fala é ter uma vontade plenamente funcional, sem conflito interno, capaz de harmonia interna com a vontade de Deus. Dessa forma haverá uma identidade clara no Reino de Deus e pode-se ter uma eternidade incorporada hoje, na vida particular e, em extensão, na vida do próximo. Desta maneira, para Willard, a vontade de Deus não será estranha à vontade humana, haverá unidade nas vontades.³¹

D) Transformando o corpo: segundo Willard, Jesus começa a fazê-lo na vida interior e isso se torna a expressão da vida exterior, isto é, do corpo (para Willard, o “corpo é o aspecto físico de uma pessoa e é o repositório de nossas ações, hábitos e caráter. Seu uso também molda nossas ações, hábitos e caráter: é o local da nossa formação espiritual”).³² Passa-se por fazer o que é bom e abster-se do que é mal. Como o autor afirma: “o corpo deve passar a nos servir como um aliado primário na busca da semelhança com Cristo (*Christlikeness*)”.³³

E) Transformando a Dimensão Social: para Willard, a condição natural da vida para os seres humanos é de enraizamento recíproco nos outros. É necessário o próximo, pois sem eles “estaremos feridos e num tipo de caos que gera a morte”.³⁴ Há quatro elementos dessa transformação da dimensão social: 1) Reconhecer-se como um todo, assim como Deus nos percebe. 2) Abandonar a defensiva, tirar a “máscara” e permitir ser conhecido sem autojustificação ou manipulação. Isso exige um ambiente cristão de amor genuíno. 3) Abrir mão de toda falsidade, como está em Romanos 12:1-2, o amor entre os cristãos deve ser “genuíno”. 4) Por fim, abrindo mão do fardo de se defender, pode-se dedicar a vida ao outro. Essa é a redenção do ponto de vista positivo do lado social do “eu”. Isso, segundo escreve Dallas Willard “se concentrará principalmente em abençoar aqueles que estão mais próximos de nós, começando pelos membros de nossa família e expandindo-se a partir daí, proporcionalmente ao nosso grau de envolvimento com os outros”.³⁵

F) Transformando a Alma: “o que dirige a vida a qualquer momento não são as circunstâncias externas, seus pensamentos, intenções ou sentimentos, mas a alma. É aquela parte de todo o seu ser que correlaciona, integra e dá vida a tudo o que está acontecendo nas várias dimensões do Eu”.³⁶ Na visão de Willard, é preciso submeter a Alma aos mandamentos de Jesus que estruturam a vida e abandonar os resultados a Ele a fim de descansá-la.³⁷

³⁰ WILLARD, 2002, p. 159-160.

³¹ WILLARD, 2002, p. 181.

³² O'ROUKE, 2013, p. 32-33.

³³ WILLARD, 2002, p. 183.

³⁴ WILLARD, 2002, p. 204.

³⁵ WILLARD, 2002, p. 227.

³⁶ WILLARD, 2002, p. 228.

³⁷ WILLARD, 2002, p. 247.

1.4 O DISCIPULADO E A VISÃO DO REINO DE DEUS POR DALLAS WILLARD: SUPERANDO O EVANGELHO DA ADMINISTRAÇÃO DE PECADOS

É um paradigma de Dallas que as igrejas cristãs não estão formando discípulos de Cristo. Ele pensa que as igrejas estão pregando “as boas notícias da gestão do pecado”³⁸ ao invés da verdadeira transformação de vidas.

Para o autor, os discípulos são portadores do Reino de Deus. E “o tema central da doutrina de Jesus foi o Reino de Deus”.³⁹ Esse Reino é o governo de Deus acessível aos humanos, é o alcance da Sua vontade eficiente, a esfera na qual o que Ele quer que seja feito é feito. Agora os que o recebem tornam-se seus novos comunicadores se dispostos a recebê-lo e aprender com Ele. A pessoa de Deus e a ação de sua vontade são os organizadores deste Reino, mas tudo que segue estes princípios, por natureza ou por escolha própria, está no Reino. Não é uma questão interior, no sentido de uma atitude “interior ou fé que esteja totalmente desvinculada do mundo público, comportamental, visível”⁴⁰, mas algo concreto, real.

Willard luta contra a noção de que os cristãos são apenas perdoados, e que isso não interfere na sua busca por se tornarem semelhantes a Cristo (*Christlikeness*). Como ele afirma:

Só perdoados? Será que ser cristão é realmente aó isso? A dádiva da vida eterna então se reduz a isso? Isso representa um grande afastamento da ideia de viver agora a vida eterna! Os cristãos sem dúvida não são perfeitos. Sempre haverá a necessidade de aprimoramento. Mas existe uma grande diferença entre não ser perfeito e ser “só perdoado”, como hoje normalmente se entende essa expressão. Você pode ser muito mais que perdoado sem ser perfeito. Você pode talvez ser uma pessoa em quem a vida eterna de Jesus predomina, mas ainda assim terá espaço para crescer.⁴¹

Assim, Willard contrapõe o que chama de “evangelho da administração de pecados” e propõe o Reino de Deus conforme Jesus apresenta. Aparentemente, segundo Willard, muitos cristãos nunca ouviram o Evangelho de Jesus. Os cristãos, para ele, não desfrutam dos recursos oferecidos por Jesus. Ele afirma: “precisamos desenvolver uma apresentação direta e objetiva, em palavra e em vida, da realidade da vida presente sob a regência de Deus, pela confiança na palavra e na pessoa de Jesus. Podemos entrar agora na vida eterna de Cristo”.⁴²

Na visão de Dallas Willard o ser humano é sempre discípulos de alguém. O homem tem que continuamente aprender “como viver” com outra pessoa. Então a pergunta que o autor se faz é: Os cristãos são discípulos de Jesus, de fato?

O resultado desse contínuo “estudo” com Jesus seria naturalmente aprender a fazer tudo o que fazemos “em nome do Senhor Jesus” (Cl 3.17); ou seja, com autorização dele ou em lugar dele: como se ele mesmo o fizesse. E logicamente isso significa aprender a “guardar rodas as cousas que vos tenho ordenado” (Mt 28.20). Na sua presença a nossa vida interior se transformará, e seremos pessoas para quem o modo de agir de Jesus é o natural (e sobrenatural).⁴³

Jesus, para os cristãos, é (ou deveria ser) o mestre de “como viver a vida”. Para Willard é necessário libertar-se da atual distinção entre “serviço cristão em tempo integral” e “serviço cristão ocasional”. Não se trata de desenvolver somente atividades religiosas, o seguimento de Jesus deve ser a vida como um todo e não somente parte dela. É levar a vida como Jesus levaria. “Ser discípulo de Jesus não é uma questão do que eu faço, mas de como eu o faço. E abarca tudo, tanto atividades “religiosas” como atividades leigas”.⁴⁴

Outro fator importante sobre o discipulado é que, para Willard, a vida do discipulado não é somente para o hoje, mas continua na Eternidade. É uma questão de aprender uma vida “imorredoura” ou “que

³⁸ PORTER, 2010, p. 256.

³⁹ WILLARD, 2001, p. 49.

⁴⁰ WILLARD, 2001, p. 27.

⁴¹ WILLARD, 2001, p. 33.

⁴² WILLARD, 2001, p. 48-49.

⁴³ WILLARD, 2001, p. 190.

⁴⁴ WILLARD, 2001, p. 197.

não pode ser retirada”, caso os cristãos forem realmente “co-conspiradores de Deus”, na alegre expectativa de um futuro inimaginável bom no *Escathon*. Isso traz força e criatividade para hoje! Como não há outro Universo criado além desse, eis o futuro! Deve-se para de situá-lo em “outra realidade”. Para Willard, a vida que as pessoas possuem hodiernamente “vai continuar, e continuar no universo em que hoje existimos. A nossa experiência, porém, será muito mais nítida, rica e profunda, pois deixará de ser restringida pelas limitações que ora nos são impostas pela nossa dependência do corpo”.⁴⁵ Segundo Dallas⁴⁶, isso é a promessa de Apocalipse 3.21-22: “sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci, e me sentei com meu Pai no seu trono”. Ele completa sobre a expectativa cristã pós-morte:

Portanto, não devemos nos considerar destinados a ser burocratas celestes, envolvidos eternamente em “administrividades”. Pois isso seria pouco melhor do que ficar preso no culto interminável de uma igreja. Não, concebamos um outro destino: participar do trabalho de uma equipe incrivelmente criativa, dotada de uma liderança inimaginavelmente esplêndida, num campo de atividade inconceivelmente vasto, com ciclos cada vez mais abrangentes de produtividade e empolgação. Isso é aquilo que “nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu”, aquilo que temos diante de nós na visão profética (Is 64.4). (...) Repouso, sim. Mas não como quietude, passividade, eterna imobilidade. Antes, é paz como completitude, como plenitude de função, como a criatividade repousante, mas infinda, aplicada na busca de uma ordem criada universal e cooperativa que continuamente se aproxima da ilimitada bondade e grandeza de sua origem, a personalidade trinitária de Deus – sem, no entanto, jamais alcançá-la.⁴⁷

1.5 DALLAS WILLARD SOBRE FORMAÇÃO ESPIRITUAL: OUVINDO A DEUS E BUSCANDO A TRANSFORMAÇÃO EM CRISTO

Segundo a Teologia de Dallas Willard a formação espiritual cristã “é o processo pelo qual discípulos ou aprendizes de Jesus assumem as qualidades ou características do próprio Cristo, em cada dimensão essencial da personalidade humana”.⁴⁸ Não se trata apenas do perdão dos pecados, para garantir a entrada no Céu quando morre, mas viver em conformidade com Cristo (*Christlikeness*). Essa verdadeira mudança de caráter vem de viver em uma relação com Deus.⁴⁹

Para tanto, é preciso “ouvir a Deus”. Destaca-se o papel de nossa experiência pessoal com as Escrituras, “com a vida dos santos e heróis da fé ao longo das eras”⁵⁰. É preciso humildade e persistência, com um desejo ardente de encontrar Deus e viver em paz com Ele. É necessário cuidado também, pois pode se tornar uma armadilha mortal, como aconteceu nos dias de Cristo na Terra com aqueles que usaram as Escrituras para rejeitá-Lo (Jo 5.36-47).⁵¹

Segundo Willard, até citando palavra por palavra, como prova textual, fora de contexto, a Bíblia pode ser um impedimento para ouvir a Deus. Deve-se, portanto, ir além, embora nunca contornando, as palavras da Bíblia para descobrir o que Deus está falando. Como Willard escreve em seu livro *Hearing God*, “os ensinamentos da Bíblia, (...) por si só nunca podem constituir nossa caminhada pessoal com Deus. Eles precisam ser aplicados a nós como indivíduos e as nossas circunstâncias individualizadas, ou então não farão parte de nossas vidas”.⁵²

É também imprescindível, na visão do autor, o papel do Espírito Santo. Deus encontra o ser humano onde está, não para mantê-lo sob sua ditadura, mas em liberdade. Aliás, já ensina a natureza que “muita

⁴⁵ WILLARD, 2001, p. 272.

⁴⁶ WILLARD, 2001, p. 259-276.

⁴⁷ WILLARD, 2001, p. 275-276.

⁴⁸ WILLARD, Dallas. Spiritual formation and the warfare between the flesh and human spirit. **Journal of Spiritual Formation & Soul Care**, 2008, Vol. 1, N° 1, p. 80.

⁴⁹ WILLARD, Dallas. **Hearing God: developing a conversational relationship with God: updated & expanded**. Downers Grove: InterVarsity, 2012, p. 27.

⁵⁰ WILLARD, 2012, p. 39.

⁵¹ WILLARD, 2012, p. 274.

⁵² WILLARD, 2012, p. 275.

interferência em uma semente que foi plantada, assim como na vida de uma planta ou de uma criança, simplesmente torna impossível o crescimento normal e saudável”.⁵³ Assim, se Deus não dirige o Homem de forma utilitarista, também deve-se fugir desta relação disfuncional, fugir de uma fé consumista: “Não consumimos os méritos de Cristo ou os serviços da igreja. Somos participantes, não espectadores”.⁵⁴

Para Dallas Willard, é imprescindível no processo de escuta de Deus que não haja falhas em entender, aceitar e crescer em uma relação de amizade dialogal com Ele. Algo como entre amigos maduros em missão juntos, apesar das diferenças. Só assim a solidão se esvai e pode-se encontrar o propósito pleno. Não é um rito, não são as práticas. É uma vida “além disso”:

Estar próximo de Deus significa comunicar-se com Ele - contar a Ele o que está em nossos corações em oração e ouvir e compreender o que Ele está nos dizendo. É essa segunda metade de nossa conversa com Deus que é tão importante, mas que também pode ser tão difícil. Como ouvimos Sua voz? Como podemos ter certeza de que o que pensamos que ouvimos não é nosso próprio subconsciente? Qual é o papel da Bíblia? E se o que Deus nos diz não é claro? A chave (...) é focar não tanto em ações e decisões individuais, mas em construir nosso relacionamento pessoal com nosso Criador.⁵⁵

A sociedade a qual se está inserida é pragmática, excessivamente às vezes, mas nisso há também um lado bom, o praticável, falar de um caminho que seja percorrível, concreto, possível. Sim, há passos para se ouvir a Deus, como o autor sugere:

Meditamos constantemente nos princípios de vida de Deus conforme estabelecidos nas Escrituras, sempre nos esforçando para penetrar mais profundamente em seu significado e em sua aplicação em nossas próprias vidas. (...) Prestamos muita atenção ao que está acontecendo em nossa vida para as comunicações de Deus em nossa mente e em nosso coração. (...) Oramos e falamos constantemente e especificamente a Deus sobre todos os assuntos que nos preocupam. (...) Você não continuaria a falar com alguém que não lhe responde; e não poderia manter uma conversa coerente com alguém que falasse com você apenas raramente e em ocasiões estranhas. Em geral, o mesmo se aplica a Deus. (...) Ouvimos, cuidadosa e deliberadamente a Deus, prestando muita atenção ao que ouvimos.⁵⁶

Muitas pessoas se sentem confusas, desqualificadas, incompetentes, ou ao menos inseguras sobre ouvir a Deus (é interessante a seguinte afirmação que Willard deu sobre ouvir a Deus: “Deus fala conosco por meio de “pensamentos e sentimentos que são meus, mas que não tiveram origem em mim”).⁵⁷ Não se deve reduzir o relacionamento com Deus a essa “escuta divina” ou “receber uma palavra” após abrir a Bíblia aleatoriamente. É via de mão dupla: contamos o que sentimos. Porém, como ter certeza de que Ele responde? Isso se aprende com a experiência. A chave é construir o relacionamento. Ouvir uma orientação específica é apenas uma parte do todo rico e interativo.

O chamado cristão é entrar em uma vida maior do que a particular, a vida do Reino de Deus. Ouvir virá sem preocupações, deve-se superar isso com adoração, encanto por Sua criação, provisão, identificar quem se é, e unir-se a Seus propósitos... e fazer tudo para a glória de Deus. O autor continua:

É muito importante lembrar e manter sempre em sua mente este fato: Você é um ser espiritual ininterrupto, criado para uma amizade íntima e transformadora com a Comunidade criativa que é a Trindade. Aprender a ouvir Deus é muito mais sobre se sentir à vontade em uma conversa contínua e aprender a depender constantemente da bondade e amor de Deus do que sobre transformar Deus em um caixa eletrônico de conselhos, ou tratar a Bíblia como uma bola de cristal. Minha esperança é que este livro o ajude a desenvolver um relacionamento contínuo com Deus que envolva conversa, comunhão e consumação.⁵⁸

Se os cristãos não se parecem com Cristo é porque não aprenderam a se relacionar com Ele para serem transformados. A mensagem básica que se ouve na igreja hoje não poderia produzir nada diferente

⁵³ WILLARD, 2012, p. 72.

⁵⁴ WILLARD, 2012, p. 24-25.

⁵⁵ WILLARD, 2012, p. 292.

⁵⁶ WILLARD, 2012, p. 259-260.

⁵⁷ KIVITZ, E. R. *Talmidim*, p. 56.

⁵⁸ WILLARD, 2012, p. 8-9.

disso: um sistema que reproduz o rito e a administração do pecado apenas. Conclui-se com Dallas em outro livro, dizendo: “A formação espiritual em Cristo é o processo que leva ao fim ideal de um “eu” humano totalmente integrado sob Deus. O resultado é o amor a Deus de todo o coração, alma, mente e força, e ao próximo como a si mesmo”.⁵⁹

1.6 PECAR OU NÃO PECAR? ABORDAGEM DE DALLAS WILLARD SOBRE AS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS E A TRANSFORMAÇÃO CRISTÃ

Há um dilema cristão bem claro entre pecar e não pecar. Caso um cristão afirme que pretende não pecar mais, dirão que isso é impossível, mas se este mudar de ideia e disser que não pretende parar de pecar, dirão que é um apóstata. O que fazer então? Só é possível escolher entre uma das duas opções.

Caso escolha-se seguir totalmente a Jesus, e decida-se não pecar, como é possível fazer isso? Willard afirma que não é apenas acreditando nas coisas “certas”, mas é preciso ir além e ter um esforço intencional.⁶⁰

“As lutas doutrinárias de muitos séculos - intensificadas em seu impacto pelo entrelaçamento usual com os poderes políticos, legais e até militares, mas ao mesmo tempo desprovidas de significado religioso – tinham transformado a fé salvadora em mero assentimento mental a doutrinas corretas”.⁶¹ Assim, a verdadeira espiritualidade cristã deve-se ocupar de mudanças reais, na vida normal das pessoas.

Aliás, a mensagem do Senhor sempre foi de novidade de vida, não apenas de perdão dos pecados. O cristão além de ser salvo era “resgatado do domínio das trevas e transportado para o Reino” (Cl 1.13). A conclusão, segundo Willard, é: isso (ser semelhante a Cristo) só é possível por meio do exercício apropriado das disciplinas espirituais para a vida no Espírito. Desta maneira:

Essas disciplinas sozinhas podem se tornar, para o cristão mediano, “a condição sobre a qual a vida espiritual se torna indubitavelmente real”. É verdade. E se este ponto for estabelecido de forma muito convincente, como a sua veracidade e importância merecem, os efeitos práticos serão surpreendentes. Haverá uma revolução que trará vida à nossa existência pessoal e ao nosso mundo.⁶²

Era dolorosamente claro para Dallas que todos os esquemas agradáveis e doutrinariamente saudáveis de educação cristã, crescimento da igreja e renovação espiritual no final frustravam. De quem era a culpa? O evangelho pregado, a instrução e o exemplo dados aos fiéis não fazem justiça à natureza da personalidade humana, da qual corpo e carne são partes integrantes.

O segredo das disciplinas espirituais historicamente testadas é que elas consideram os aspectos físicos da natureza humana. Todas envolvem condições e atividades corporais. Assim, elas mostram efetivamente como é possível “ ‘nos oferecer em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus’ e como nossa ‘adoração’ realmente é inseparável da oferta literal de nossos corpos”.⁶³

Jesus tinha um corpo com todas as funções normais. Negar isso é heresia. O corpo não é obstáculo, é dom, tem papel positivo na redenção e participação no governo divino. “Excluir nossos corpos da religião é o mesmo que excluir a religião de Nossas vidas. Nossa vida é uma vida corporal, e ela só pode ser realizada plenamente em união com Deus”.⁶⁴ Assim:

Aqui encontramos o papel positivo do corpo no processo de redenção, quando escolhermos aqueles usos de nosso corpo que promovam a vida espiritual. Somente quando apreciamos este papel, podemos entender a visão do Novo Testamento de que salvação é “vida”; pois evidentemente vida é algo que vivemos, e nós vivemos somente nas ações e disposições do nosso corpo.⁶⁵

⁵⁹ WILLARD, 2002, p. 35.

⁶⁰ WILLARD, Dallas. **O espírito das disciplinas**. Rio de Janeiro: Habacuc, 2003, p. 19-27.

⁶¹ WILLARD, 2003, p.29.

⁶² WILLARD, 2003, p. 32-33.

⁶³ WILLARD, 2003, p. 24-25.

⁶⁴ WILLARD, 2003, p. 36.

⁶⁵ WILLARD, 2003, p. 46.

Observa-se que a vida espiritual não é oposta nem mesmo separada do corpo. Para o autor, é mentira que só é possível ser realmente espirituais depois da morte. O espiritual não frustra o corpo, nem lhe causa dano. É sabido, mas esquecido, que “carne” não é sinônimo de “natureza humana decaída”. A estrutura material ou carne responde, sim, a um controle racional, e assim, é dominável. Doutra maneira o mandamento de crucificar-se não seria possível! (Gl 5.16,19ss). A carne não é fonte permanente de rebelião em se tratando de cristãos. Não é ela, mas sua condição deformada que abriga a “natureza humana decaída”, ainda assim, sublinhe-se, “abriga”, sem se confundir completamente, pois há graça, dom, vida, Deus habitando o Ser.

Não é fácil assimilar isso, a tradição teológica pode estar bem arraigada. Poucas pessoas sinalizaram o que se defende aqui. Veja como faz sentido:

George Fox, que fundou o movimento Quaker, era um desses, e suas observações com frequência o levavam a um intenso conflito com seus contemporâneos. Ele disse sobre um desses conflitos: Então esses mestres disseram que o corpo exterior era o corpo da morte – e do pecado. Eu procurei mostrar seu erro; pois Adão e Eva tinham um corpo exterior antes do corpo da morte e do pecado vir sobre eles; o homem e a mulher terão corpos quando o corpo do pecado e da morte for retirado; quando forem renovados na imagem de Deus, por meio de Jesus Cristo, àquilo que eram antes da queda.⁶⁶

O jugo suave de Cristo é alcançado mediante as disciplinas espirituais, estas disciplinas não são, em si, meritórias ou mesmo exigidas. Elas permitem, no entanto, que o espírito (ou a “vontade” ou “o coração”) direcione o corpo para contextos de experiência nos quais todo o “eu” é interiormente reestruturado para seguir a Cristo em obediência cada vez mais plena, conduzindo a redenção humana.⁶⁷ A redenção só é compreensível em relação a natureza humana incorporada. Este corpo é veículo da vocação humana no planeta, da comunhão e cooperação com o Deus pessoal, é o campo primário do poder e da liberdade dada por Deus às pessoas. Para Dallas, a substância do nosso corpo só é transformada pelas ações e eventos nos quais escolhe-se participar no dia a dia, assim haveria limites dentro dos quais nosso caráter seria formado por nós mesmos. Por meio da sua palavra que dá vida, Deus, na regeneração, renova a capacidade original dos corpos para a interação divina. A própria substância dos nossos corpos é moldada pelas nossas ações (veja o resultado da alimentação ou do exercício físico como exemplos), mas também pela graça.⁶⁸

Qual é o papel específico das disciplinas espirituais? Elas são o molde e a forma, como escreve Willard: “é nossa responsabilidade em nossa redenção, por meio de atividades específicas e apropriadas, submeter a substância elástica da qual somos feitos aos caminhos da nova vida que é comunicada a nós pelo “espírito vivificante”.⁶⁹ O cristão deve encarar esta tarefa, de acordo com Dallas Willard, com toda a seriedade, nem Deus o fará por ele, ninguém pode. Este é o significado da liberdade e da responsabilidade humana. Só então o Homem será capaz de entrar com inteligência, firmeza e sucesso nos exercícios espirituais, disciplinas que são proveitosas para todas as coisas, “tendo promessa da vida presente e da futura (1 Tm 4.8)”.⁷⁰

Aqui se trata do esforço, num tipo de treinamento essencial à vida. Como Dallas coloca muito bem: “Graça é o oposto de mérito, e não de esforço”.⁷¹ Todas as ações da vida envolvem o corpo, mesmo as espirituais. O que é puramente mental não transforma o Ser. É heresia pensar, como coloca Willard, que “tudo o que realmente conta são os nossos sentimentos, ideias, crenças e intenções interiores. É este erro que (...) divorcia a salvação da vida, deixando-nos a cabeça cheia de verdades vitais sobre Deus e um corpo incapaz de vencer o pecado”.⁷²

⁶⁶ WILLARD, 2003, p. 94-95.

⁶⁷ WILLARD, Dallas. Spiritual formation in Christ: a perspective on what it is and how it might be done. *Journal of Psychology and Theology*, 2000, Vol. 28, N° 4, p. 264.

⁶⁸ WILLARD, 2003, p. 96.

⁶⁹ WILLARD, 2003, p. 97.

⁷⁰ WILLARD, 2003, p. 97.

⁷¹ WILLARD, Dallas. **A grande omissão**: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 37.

⁷² WILLARD, 2003, p. 152.

Quando se listam algumas dessas disciplinas podem-se alocá-las em dois grupos: as de abstenção e as de engajamento. Uma pequena lista ajuda a compreender melhor. Para as primeiras, listam-se: solidude, silêncio, jejum, frugalidade, castidade, discrição e sacrifício. Para o segundo grupo, listam-se: estudo, adoração, celebração, serviço, oração, comunhão, confissão e submissão.⁷³ Neste artigo, por objetivo do estudo, concentra-se no primeiro grupo, pois contrastam melhor com a pós-modernidade, representam maior desafio e oportunidade de transformação hoje, sobretudo as quatro primeiras citadas. Para simplificar, eis as palavras de Dallas:

Nas disciplinas de abstenção, nós renunciamos, em certo grau e por determinado tempo, a satisfação de desejos normais e legítimos. Desejos “normais” incluem nossos impulsos e motivações básicas, tais como alimento, sono, atividades físicas, companheirismo, curiosidade e sexo. Os nossos desejos por conveniência, conforto, segurança material, reputação ou fama também são considerados sob este aspecto.⁷⁴

Sobre a solidão, o silêncio e o jejum, tem-se, geralmente, mais informação sobre o que seriam. Contudo, o que seria a frugalidade? Segundo Willard, na frugalidade as pessoas evitam utilizar “dinheiro ou os bens à nossa disposição de modo a meramente gratificar nossos desejos ou nosso apetite por status, glamour ou luxo. Isso significa permanecer dentro dos limites daquilo que o bom senso designa como suficiente ao tipo de vida para o qual Deus nos dirige”.⁷⁵

Para o autor, é preciso contrabalançar as disciplinas de abstenção e as disciplinas de engajamento. Pode-se afirmar superficialmente que a abstenção neutraliza as tendências de pecado por ação, e o engajamento neutraliza as tendências de pecado por omissão. A abstenção abre caminho para o engajamento, “a abstenção apropriada, na verdade, quebra o jugo dos engajamentos impróprios a fim de que a alma possa se engajar adequadamente em Deus e no seu serviço”.⁷⁶

As disciplinas espirituais, portanto, são atividades concretas que transformam a vida toda por tornar o cristão mais sensível ou receptivo ao Reino anunciado por Cristo, ainda que viva em um ambiente hostil a Deus. Elas cooperam com a graça quando abraçadas com amor e sabedoria. Assim o jugo de Jesus se torna suave e seu fardo leve. Caso decida-se por elas pela fé, isso demanda planejar as ações que virão em seguida. A fé crescerá na experiência da ação e na percepção que virá de Deus agindo “enquanto, por trás e em resposta” as ações.⁷⁷

Para Willard, os cristãos estão livres do poder do pecado, mas não da sua presença. Conforme a graça cresce, fica menos difícil combatê-lo.⁷⁸ Desde Adão, morre o relacionamento com Deus, perde-se a proximidade com o doador da vida.⁷⁹ Caso, biblicamente, estamos “mortos em transgressões e pecados” (Ef 2.1), desconectados e carentes, só um relacionamento que nos deixe “vivos nEle”, ligados à seiva viva da videira, pode mudar as coisas. Na linguagem de Dallas Willard: “a lâmpada está morta quando não está conectada à corrente elétrica, embora continue existindo. No entanto, quando é conectada à rede elétrica, ela irradia luz e afeta seu ambiente com um poder e substância que estão nela, mas não são dela”⁸⁰, assim é o ser humano na sua relação para com Deus.

2. A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ E A PÓS-MODERNIDADE

Ao introduzir qualquer análise de cenário na contemporaneidade, há que se considerar o contexto de crise paradigmática e do ambiente único produzido pelo fenômeno de desintegração da modernidade, mesmo que brevemente. Isto porque falar de espiritualidade no atual contexto traz desafios únicos.

⁷³ WILLARD, 2003, p. 157.

⁷⁴ WILLARD, 2003, p. 158.

⁷⁵ WILLARD, 2003, p. 168.

⁷⁶ WILLARD, 2003, p. 176.

⁷⁷ WILLARD, 2003, p. 249.

⁷⁸ WILLARD, 2003, p. 117.

⁷⁹ WILLARD, 2003, p. 59.

⁸⁰ WILLARD, 2003, p. 68.

Para uma abordagem da atual crise de paradigmas, Anjos afirma:

A razão moderna se revela cada vez mais como uma razão fragmentada, incapaz de encontrar a unidade que existia no universo racional da sabedoria grega e, menos ainda, no teocentrismo do mundo cristão-medieval. Ao fazer o sujeito o fundamento e o ponto de referência absoluto, tanto do conhecimento da verdade como da experiência ética do bem, a filosofia moderna colocou os pressupostos de uma ruptura entre homem, mundo e Deus que se tornou mortal para o próprio ser humano. A exaltação da utopia individualista, a depredação da natureza em nome de um crescimento sem limites e a volta surpreendente de uma religiosidade sob muitos aspectos selvagem são algumas das manifestações do que pode ser essa afirmação absoluta do homem curvado sobre si mesmo, esse *homo clausus* que parece ter emigrado definitivamente da “ágora” grega para os modernos “condomínios fechados”.⁸¹

O relativismo e a perda de referenciais presentes na sociedade do século XXI são frutos da ausência de verdades norteadoras que englobem holisticamente o ser humano enquanto ser social, subjetivo e “*desejante*”, ou, talvez, por falta de caminhos de espiritualidade marcados por princípios identitários que geram conexão e coesão, encontremos um cenário tão complexo. Nesta esteira, um otimismo não racional, uma fé pela fé, esvaziada de sentido e conteúdo, tem sido o caminho largamente apresentado para se tentar, em uma abordagem estritamente antropocêntrica, fazer com que a espiritualidade cristã faça sentido para a cultura geral.

Diante disso, o caminho para espiritualidade cristã em um ambiente tão desafiador com este, abarca consequências significativas relacionadas tanto as suas convicções identitárias de fé, quanto ao que diz respeito à sua práxis propriamente dita. Logo, é possível destacar dois seguimentos polarizados que se apresentam como reações visíveis de uma espiritualidade estranha a tradição cristã.

A primeira consequência direta e perceptível a ser destacada é a do isolamento social, uma espiritualidade de “*fuga mundi*”. O movimento cristão vive e sobrevive influenciando o meio em que existe, ou seja, em constante diálogo com ele. Esta faceta da espiritualidade cristã tem se perdido devido a reações errôneas que ocorrem em resposta a alguns aspectos do paradigma contemporâneo que se constrói. Entre esses aspectos, está a reação equivocada à diversidade que tem contribuído para a perda de referenciais coesos e seguros.

A diversidade não era um problema para o cristianismo, como podemos observar no paradigma apocalíptico do cristianismo primitivo delimitado nos estudos de Küng.⁸² O movimento cristão tem seu nascedouro em meio a esta realidade e é neste contexto que apresenta uma competência intrínseca de gerar unidade na diversidade por meio da cláusula pétrea do cristianismo, o amor a Deus e ao próximo, que é a orientação matricial para toda espiritualidade que se chama cristã. A prática deste amor gera o contato entre o movimento cristão e a diversidade de opiniões, filosofias, religiões, povos e culturas da época de seu surgimento, proporcionando uma espiritualidade de diálogo, transformadora e competente para dar significado a vida.

Ao isolar-se, aqueles que buscam uma espiritualidade alienante, tornam-se irrelevantes, mas não somente isso, colocam também sob risco a própria identidade e existência do movimento cristão. Essa postura gera uma diluição de princípios e conceitos, fazendo-os esvaziarem-se de seus valores. Ao se isolarem por receio da diversidade, abrem mão de princípios ligados à sua identidade constituinte como, por exemplo, o amor cristão manifesto no serviço caracterizado por ações de justiça e misericórdia na prática da vida em comunidade.

A segunda consequência é o individualismo, enquanto perda de identidade por falta de diálogo com o pluralismo contemporâneo.⁸³ Este último tem sido encarado como um vilão do paradigma atual, quando na

⁸¹ ANJOS, M. F. **Teologia aberta ao futuro**. São Paulo: Loyola, 1997, p. 82.

⁸² Para um aprofundamento sobre os conceitos do paradigma apocalíptico do cristianismo primitivo, consultar KÜNG, H.; TRACY, D. (Edits.). **Paradigm Chang in Theology**. New York: Crossroad, 1989 ou BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002, p. 238-261.

⁸³ Para um aprofundamento sobre esta tensão do pensamento cristão com o pluralismo, bem como uma proposta de caminho a ser seguido pelo movimento cristão ler a excelente obra de RUBIO, A. G. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2001 (Coleção: Teologia Sistemática).

verdade não o é. Na realidade, a diluição de conceitos pela busca por formulações religiosas que satisfaçam a necessidade individual em uma busca combativa de enfrentamento do contexto plural vem promovendo uma verdadeira desintegração da espiritualidade cristã, especialmente em aspectos tão caros como a alteridade e a ecumenicidade, que são justamente as responsáveis por promover aprofundamento nos processos de humanização, da democracia, da cidadania, e da defesa de direitos humanos e da terra.

O pluralismo perpassa a espiritualidade cristã produzindo um fecundo resultado, caso haja boa recepção do mesmo no diálogo com o paradigma atual. As diversas espiritualidades que marcam o movimento cristão acabam por acolher as mais diversas histórias e culturas que, por conexão promovida pela globalização, conseguem interagir para produzir vida e crescimento.

Na medida em que se complementam, diferentes espiritualidades não são necessariamente algo negativo. Diferentes espiritualidades podem atrair cristãos de temperamentos diversos ou até à mesma pessoa em momentos diferentes.⁸⁴

Apesar de todo avanço das ciências tecnológicas e da globalização, a humanidade contemporânea continua buscando incessantemente algo que possa dar sentido para sua vida. Com a ausência da espiritualidade cristã em seu papel de relacionar conceitos eternos e transcendentais com a realidade temporal e imanente, a humanidade continua a mergulhar em profunda desesperança. Essa desesperança traz consequências sociais avassaladoras, principalmente na área da ética e moral, onde os princípios básicos de vivência comunitária chegaram a um nível de diluição tal que já não existem limites para os interesses individuais produzidos pela suposta autonomia do indivíduo, nem mesmo a integridade física e emocional do outro, quanto menos do ambiente onde vivem.

O cenário social contemporâneo é marcado pela complexidade das relações interpessoais, uma vez que a dinâmica utilitarista marca uma geração que busca na interação oportunidades individualistas de se beneficiar sobre o outro, ou seja, levar vantagem a qualquer custo. Na esteira desta reflexão está Gusso, que, ao rememorar a famosa expressão cunhada em solo brasileiro “Lei de Gerson”, afirma o que segue acerca da sociedade contemporânea:

Ser servido ao máximo por tudo e por todos e, de preferência, não servindo a nada nem a ninguém, é o desejo da maioria. Estamos envoltos por um mundo egoísta e, se não tomarmos cuidado, até mesmo sem perceber, tomaremos as mesmas atitudes de nossos contemporâneos.⁸⁵

Uma autora que colabora para a compreensão deste cenário, por vezes também chamado pós-moderno, é Mary Rute Gomes Esperandio. Ela faz uma importante diferenciação conceitual sobre uma virada de época, definindo assim uma passagem da “sociedade do dever” para uma “sociedade pós-moralista”. Ela afirma que a mudança se deu principalmente no campo ético, quando este se revestiu de uma característica laica, de cunho universalista e organizado sobre uma estrutura social e política desvinculada de confissões religiosas, com grande ênfase nos direitos individuais e na autonomia. Desta forma, o que a autora chama de “estética do gozo” passa a ser o paradigma reinante, deixando de lado o já antiquado e descontextualizado imperativo ético do dever. Logo, os interesses são individuais e buscam tão somente a autorrealização afetiva, econômica, de sucesso pessoal e de bem-estar físico.⁸⁶ Esperandio afirma:

O sujeito torna-se o ponto de partida e chegada do cuidado de si. Ou seja, “o que se quer” e “o que se pretende ser” deve caber no espaço da preocupação consigo. Elementos como família, pátria, Deus, sociedade e futuras gerações só interessam ao “sujeito autônomo pós-moderno” como meios de autorrealização pessoal. A busca da felicidade, da autorrealização e do bem-estar torna-se, desse modo, a base das escolhas éticas na contemporaneidade. Como a ética encontra-se em harmonia com a estética, essa se expressa, por exemplo, por meio do culto ao corpo, da valorização da aparência (imagem), da boa forma física, etc.⁸⁷

⁸⁴ CHAN, Simon. **Spiritual theology**: a systematic study of the christian life. Downers Grove: InterVarsity, 1998, p. 23.

⁸⁵ GUSSO, A. R. **Liderar é servir**: o modelo de liderança de Jesus. Curitiba: Fato É, 2007, p. 34.

⁸⁶ ESPERANDIO, M. R. G. **Para entender pós-modernidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 64.

⁸⁷ ESPERANDIO, 2007, p. 64.

A perspectiva da alteridade se perde na dinâmica de uma visão do outro como objeto de consumo, sendo apenas útil como fonte de satisfação própria. Desta forma, a busca por satisfação individual é o parâmetro da relação interpessoal, e o indivíduo se vale de qualquer esforço para atingir o gozo ao qual julga ter direito de experimentar constantemente. A vida é banalizada neste processo, e todo tipo de desrespeito e violência crescem a partir da ausência de princípios referenciais para escolhas morais. Temos então um estilo de vida que não consegue distinguir liberdade de consumir com liberdade de escolha, enfraquecendo o tecido social e promovendo o individualismo em larga escala.⁸⁸

A mudança epocal citada até aqui possui um conjunto complexo de características e motivações na perspectiva do sociólogo Zygmunt Bauman. Para o autor, houve uma virada dramática na realidade social devido à transição entre capitalismo pesado e leve, sendo essa transição produzida ainda no período histórico que ele intitula modernidade sólida.

Discorrendo sobre o mal-estar da sociedade causado por esta brusca mudança, nos traços do que o autor chama de modernidade líquida, depara-se com um profundo consumismo, em que o valor das pessoas é determinado por aquilo que possuem. Bauman descreve:

De maneira distinta do consumo, que é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade. Para que uma sociedade adquira esse atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar, deve ser tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada (“alienada”) dos indivíduos e reciclada/reificada numa força externa que coloca “a sociedade de consumidores” em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolha e conduta individuais.⁸⁹

Pela cultura do consumismo, tudo é mercadoria – até as pessoas. Buscando parecer atraentes e bem-sucedidas, muitas vezes tratam-se umas às outras como produtos a serem usados e logo descartados. Tão logo a vontade é satisfeita, a “mercadoria” é abandonada e substituída por outra, mais atrativa. Tudo é provisório e efêmero.⁹⁰ Assim funcionam também as relações humanas – a espiritualidade não é exceção –, que só costumam durar enquanto prometem algum benefício.⁹¹

Esta sociedade do século XXI, que está para além de uma realidade disciplinar (Foucault), segundo Han, vive na dinâmica do desempenho e do cansaço, que reivindica a autonomização da própria vida por meio da técnica. Nesta sociedade, os habitantes não são mais sujeitos da obediência disciplinar movidos por um certo controle comportamental instituído, mas são agora sujeitos de produção e empresários de si mesmos. A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da proibição, mandamento ou lei, entrando neste projeto, a iniciativa e a motivação do desempenho, mas que acaba produzindo sujeitos depressivos e fracassados. A sociedade atual do sobreviver histórico que absolutiza o sadio, destrói precisamente a beleza e a intensidade da vida.⁹²

Cabe destacar ainda, especialmente na intenção do diálogo das “estruturas” da pós-modernidade e os caminhos possíveis para as espiritualidades cristãs, o que ficou conhecido como “pós-estruturalismo”. O pós-estruturalismo deve ser pensado como desconstrução, e não o contrário. Isso porque nada mais é que o conjunto de obras que vieram a defini-lo. Não há nenhuma definição isolada do pós-estruturalismo, contudo, Williams o descreve como um movimento:

Pós-estruturalismo é o nome para um movimento na filosofia que começou na década de 1960. Ele permanece sendo uma influência não apenas na filosofia, mas também num

⁸⁸ ESPERANDIO, 2007, p. 65.

⁸⁹ BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação de pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 41.

⁹⁰ BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 11.

⁹¹ BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 8.

⁹² HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. **Sociedade do cansaço** [resenha]. *Crítica Cultural-Critic*, Palhoça, SC, v. 13, n. 2, p. 315-321, jul./dez. 2018, p. 315.

leque mais amplo de campos temáticos, incluindo literatura, política, arte, críticas culturais, história e sociologia. Essa influência é controversa porque o pós-estruturalismo é visto como uma posição divergente, por exemplo, das ciências e dos valores morais estabelecidos. O movimento é melhor resumido por meio dos pensadores que o compõem. (...) os mais importantes pensadores do movimento: Derrida, Deleuze, Lyotard, Foucault e Kristeva.⁹³

Williams estende um pouco mais seu diálogo com o movimento pós-estruturalista e aponta, mesmo que resumidamente, os principais autores e seus postulados. Isso a fim de comprovar o caráter fluido e desconstrutivista deste caminho do saber, bem como, produzindo limites para seu alcance. O que soa de forma anedótica, pois o movimento se desdobra justamente a respeito do conceito de “limite” para obtenção do saber. Cada um dos grandes textos pós-estruturalistas estudado pelo autor em sua obra⁹⁴ dá conta de modo diverso do papel do limite no âmbito, mas todos compartilham as definições dadas acima. Cada texto terá para si um capítulo onde seus principais argumentos e características serão estudados. Dito de modo simplificado, Derrida persegue a operação do limite no aparentemente mais imediato e confiável interior da linguagem. Lyotard rastreia o efeito de eventos-limite na linguagem e na sensação. Deleuze afirma o valor de um limite produtivo entre identidades atuais e puras diferenças virtuais. Foucault rastreia a genealogia do limite como a constituição histórica de tensões e problemas ulteriores. Kristeva persegue o limite como um inconsciente em ação desfazendo e refazendo estruturas e oposições linguísticas. Juntas, essas obras revelam o pós-estruturalismo como uma total ruptura de nosso senso seguro do significado e referência na linguagem, de nosso entendimento, de nossos sentidos e das artes, de nosso entendimento da identidade, de nosso senso da história e do papel dela no presente e de nosso entendimento da linguagem como algo livre do trabalho do inconsciente.

Dos autores citados no movimento, e, mais uma vez para o posterior diálogo com Dallas Willard, o desconstrutivismo de Derrida no campo da linguagem receberá breve destaque neste artigo. Isso porque a desconstrução de Derrida tem como objetivo não apenas compreender a linguagem, o texto ou o significado, campo onde se atem majoritariamente, mas também o universo pós-moderno que substituiu o moderno e no qual vivemos.

Derrida⁹⁵ acredita que o significado pode ser atribuído a outros significados ou significâncias que a metafísica ocidental desconsidera por meio da desconstrução. Portanto, ele considera a fala e a escrita - assim como o significado - como estando por trás desse pensamento; as estruturas que são estereotipadas pelo pensamento mencionado anteriormente e as ações das quais a liberdade é privada. Derrida acredita que o pensamento ocidental é concluído com a desconstrução; no entanto, ele enfatiza que o “significado pode ser reconstruído”.

Em conclusão, podemos dizer que a desconstrução é um método que tenta revelar o significado ao dividir a linguagem ou o texto. Portanto, Derrida afirma que a desconstrução é uma espécie de leitura. Segundo Derrida, não podemos ver o significado como algo imediato; no entanto, podemos deixar de ser cegos e revelar significados e percepções diferidos e diversos ao desconstruir o texto ou a linguagem. Porque, de acordo com o pensamento pós-modernista, que Derrida também defende e apoia, não há um único significado, assim como não há uma única realidade. O significado e a percepção podem ser diferentes para cada pessoa. Isso pode ser possível através da desconstrução do texto ou da linguagem.

A desconstrução critica o pensamento e a linguagem dentro de si e, portanto, luta para trazer à tona os significados na linguagem ou no texto que estão ocultos, implícitos ou adiados, mesmo que pareçam ser inimigos; ela faz perguntas de natureza perceptual e expressional. Nesse sentido, além de ser útil, a desconstrução é necessária para trazer à tona o significado.

Enquanto Derrida afirma que os traços devem ser seguidos em busca do significado, ele multiplica o significado por meio da “*différance*”. O autor defende a ideia de que toda diferença é, em si mesma, um significado.

⁹³ WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Tradução de Caio Liudvig. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 79-84.

⁹⁴ WILLIAMS, 2012, p. 124-133.

⁹⁵ YEGEN, Ceren; ABUKAN, Memet. **Derrida and language: deconstruction**. International Journal of Linguistics, Vol. 6, N° 2, p. 48-61, 2014, p. 48.

A guerra que Derrida travou contra a metafísica do pensamento ocidental na transição do mundo moderno para uma ordem pós-moderna se manifesta nos conceitos de descentralização, indefinição e metáfora. A desconstrução, que coloca a escrita à frente da fala, visa a prioridade da escrita tanto quanto do significado. Isso ocorre porque, ao longo do processo histórico, a escrita sempre ficou para trás devido à fala; e, de acordo com Derrida, ela deve ser valorizada, pois não é menos importante do que a fala e existiu antes da fala.

Como resultado de todos esses esforços e métodos, Derrida apoia a necessidade da desconstrução com aspectos pós-modernos que visam multiplicar o significado da linguagem, não o distorcer. No entanto, de acordo com o pensamento pós-modernista, não há uma única realidade. Tomando posição a partir desse ponto de vista, para Derrida, “não há um único significado; pelo contrário, existem significados e diferenças”. Isso ocorre porque, de acordo com Derrida, “toda diferença é, em si mesma, um significado”.⁹⁶

Importante o destaque, uma vez que o presente artigo propõe um caminho de resposta a este cenário a partir das obras de Dallas Willard que tratam sobre espiritualidade cristã. O referido autor cujo pensamento é a coluna vertebral desta produção, dialoga bem com o assunto em tela e faz frente a esta demanda contemporânea com brilhantismo, especialmente em suas concepções epistemológicas. Nesta dinâmica, seguiremos para tal proposta mais cômicos do cenário que nos cerca e que constitui tamanho desafio para as espiritualidades cristãs que, em saída em direção a um mundo de constantes mudanças, encontra solo fecundo para potentes transformações

Antes de abriremos novos horizontes no diálogo da espiritualidade cristã com a pós-modernidade, a título de esperança, e até mesmo paradoxalmente, afirmamos a partir de um prisma profético e otimista, que esse mesmo indivíduo pós-moderno que vimos imerso em uma realidade “*fluida-ressequida*”⁹⁷, situa-se também no centro daquilo que parece ser uma oportunidade extraordinária para o despertar da espiritualidade. De fato, em um contexto no qual a espiritualidade ao mesmo tempo falta e se pretende, aparece a sede por formas de transcendência desta realidade e um protagonismo do indivíduo, que, se canalizado na direção do outro, aquela “transmissão, de pessoa a pessoa”⁹⁸ que o papa Paulo VI reputava válida e importante torna-se, agora, um excelente caminho a seguir na expressão de uma espiritualidade altruísta. O diálogo passa a ser um ingrediente essencial para espiritualidade cristã, “em função de que o próprio agir é a palavra em ação transformadora de uma determinada realidade”, como observa Paulo Sérgio Lopes Gonçalves.⁹⁹

3. A FORMAÇÃO ESPIRITUAL DE DALLAS WILLARD COMO RESPOSTA PARA VIVER UMA ESPIRITUALIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

Dallas Willard faz um diagnóstico, já em 1998, de que “há muito interesse em disciplinas espirituais e no processo de formação espiritual”.¹⁰⁰ Isso ocorre não só naqueles dias como hoje também, segundo Willard, devido a “necessidade urgente de saúde mental e emocional, bem como de profundidade espiritual, e da verificação simultânea de que a prática padrão recente do cristianismo (...) não está atendendo a essa

⁹⁶ YEGEN; ABUKAN, 2014, p. 59-60.

⁹⁷ Termo de autoria própria que busca apontar para o paradoxo da necessidade do indivíduo pós-moderno. Imerso em um oceano de possibilidades, pseudoverdades e ideologias, a humanidade cria expectativas falsas de caminhos profundos de significado. Contudo, a fluidez traz justamente a falta de sentido pelo excesso de possíveis “sentidos”, ou, talvez, sensações (realmente apontando para a sede por experiências sensoriais). No excesso de estímulos, nada satisfaz, e o que era para ser uma profusão de hidratação humanizadora, torna-se em ressequidão pela falta de aderência transformadora e profundidade.

⁹⁸ EN 46.

⁹⁹ GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **Igreja e missão no contexto de pós-modernidade**. Atualidade Teológica. Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, mai./ago. 2018, p. 374.

¹⁰⁰ WILLARD, Dallas. Spiritual disciplines, spiritual formation and the restoration of the soul. **Journal of Psychology and Theology**, Spring 1998, Vol. 26, n.1, p. 101.

necessidade”.¹⁰¹ Desta maneira, não surpreende que “muitos líderes e escritores cristãos pós-modernos listem Willard como uma influência-chave”¹⁰² em suas vidas.

A primeira característica da pós-modernidade a qual a obra de Dallas Willard se defronta é a epistemologia pós-moderna. Como já fora observado neste artigo, Willard, ao longo de sua carreira profissional trabalhou consistentemente para produzir argumentos detalhados e lógicos a favor da posição epistemológica realista (defendida por Edmund Husserl), suas reivindicações sobre a alcançabilidade do conhecimento e a existência de uma realidade objetiva que fundamenta as buscas de metafísica, ética, epistemologia, lógica e teologia.¹⁰³ Como ele escreve em *Knowing Christ Today*:

O que é saber, possuir conhecimento sobre determinado assunto? Não podemos aprofundar completamente essa questão aqui, mas uma ideia de trabalho, derivada de como lidamos efetivamente com o conhecimento na vida real, é a seguinte: Temos conhecimento de algo quando o representamos (pensamos sobre ele, falamos sobre ele, tratamo-lo) como ele realmente é, com base apropriada de pensamento e experiência. O conhecimento envolve verdade ou precisão de representação, mas também deve ser verdade com base em evidências ou discernimento adequados. As evidências ou discernimento vêm de diversas maneiras, dependendo da natureza do assunto. Mas eles devem estar presentes.¹⁰⁴

Willard via o construtivismo como o principal oponente do realismo husserliano, mas não o único. Willard identificou na fenomenologia husserliana evidências exatamente do que os construtivistas tentavam minar, ou seja, a presença ontológica fundamental de objetos que existem independentemente da mente. O trabalho de Husserl estabeleceu a possibilidade de interação humana com objetos, tal como são em si mesmos, à parte do conhecimento ou interpretação de qualquer indivíduo.¹⁰⁵

A teologia de Willard, alinhada com sua filosofia realista, afirma que uma visão objetiva da realidade existe e é precisa em sua perspectiva abrangente de toda a realidade, sendo assim completamente independente da descrição humana ou das alegações de conhecimento a seu respeito.¹⁰⁶ Com isso, Willard não somente está criticando o construtivismo de Kant, mas as implicações da sua perspectiva realista parecem desmantelar os conceitos de pluralismo, relativismo, construtivismo e desconstrucionismo, que geralmente permeiam quase todos os princípios do pensamento pós-moderno.¹⁰⁷ Mais uma vez, Willard não está argumentando que o realismo direto implica certeza e superioridade empírica; ele simplesmente defende que a objetividade existe, e a mente humana é capaz de interagir com a realidade e vivenciar objetos sem depender de um conhecimento onisciente sobre eles.¹⁰⁸

Willard, embora critique Derrida, Lyotard e Foucault (filósofos pós-modernistas), demonstra uma empatia considerável com algumas de suas motivações (como: “a atenção positiva que o pós-modernismo trouxe para o abuso de poder, manipulação e a crescente propensão para defender a voz marginalizada do “outro”).¹⁰⁹ No entanto, sua principal objeção concentra-se na mudança injustificada da Academia para uma plataforma autoritária de conhecimento, utilizando apenas bases empíricas e racionais como fundamento epistemológico válido.¹¹⁰ Ao abordar toda empreitada intelectual, Willard valoriza a crítica pós-moderna à arrogância do cientismo, individualismo, consumismo e teologia sistemática, mas argumenta que as críticas de Lyotard e Foucault ignoram pressupostos a priori-chave. Ele aponta que a desconstrução de Derrida falha em desmantelar a teoria construtivista fundamental em sua própria filosofia. Assim, para

¹⁰¹ WILLARD, 1998, p. 101.

¹⁰² BLACK JR., Gary. **The theology of Dallas Willard: discovering protoevangelical faith.** Eugene: Pickwick, 2013, p. 209.

¹⁰³ BLACK JR., 2013, p. 210.

¹⁰⁴ WILLARD, 2009, p. 15.

¹⁰⁵ BLACK JR., 2013, p. 210.

¹⁰⁶ BLACK JR., 2013, p. 210.

¹⁰⁷ BLACK JR., 2013, p. 212.

¹⁰⁸ BLACK JR., 2013, p. 212.

¹⁰⁹ BLACK JR., 2013, p. 222.

¹¹⁰ BLACK JR., 2013, p. 213.

Willard, a escolha da epistemologia pós-moderna está limitada à determinação do que, e não se, o método construtivista é apropriado para sua agenda, resultando em desconstrução seletiva, pois, segundo Willard, há pouca diferença entre a preferência pelo universal do construtivismo e o apelo pós-moderno ao particular, ambos são metanarrativa que, em grande medida, escapa da perspectiva realista.¹¹¹ Desta maneira:

O resultado dessa abordagem apresenta uma posição epistemológica única em relação ao empirismo iluminista, ao construtivismo moderno ou à desconstrução pós-moderna. Teologicamente, a partir dessa plataforma epistemológica, Willard argumenta que os ensinamentos de Jesus e grande parte do corpo de conhecimento transmitido pela tradição intelectual cristã, embora talvez imperfeitos em relação a detalhes, articularam de forma bastante competente a realidade metafísica, ética, lógica e epistemológica da vida e da existência humanas. Embora esses esforços não estejam concluídos, de forma alguma, buscar e sondar as realidades do reino de Deus é uma tarefa ao longo da vida que é possível e comprovável empiricamente. Portanto, conclusões precisas, embora talvez parciais ou incompletas, podem ser descobertas e articuladas.¹¹²

Entendida a crítica e a solução epistemológica de Willard a respeito das suas contra partes modernas e pós-modernas, pode-se passar a outra característica do pensamento *Willardiano* que se defronta tanto com a modernidade como a pós-modernidade e pode ser uma alternativa para quem quer viver o discipulado de Jesus nos dias de hoje: o protoevangelicalismo.¹¹³

Os evangélicos modernos frequentemente destacavam a importância do compromisso diário com a oração e a leitura bíblica, a participação regular em atividades da igreja e a memorização de versículos como métodos confiáveis para alcançar uma “vida cristã autêntica”. No entanto, a evidência consistente de uma transformação pessoal em direção à semelhança com Cristo, decorrente da aplicação desses métodos, era frequentemente escassa. Para os evangélicos pós-modernos, essas abordagens redutivas não apenas falhavam em produzir resultados significativos, mas também suprimiam a fascinação, a transcendência e a ambiguidade inerentes ao sobrenatural e a espiritualidade. Como resposta a essa lacuna, vários líderes e teólogos protestantes começaram a explorar alternativas teológicas pós-modernas. Contudo, a tentativa de formar plataformas teológicas pós-modernas foi desafiada pela incapacidade de estabelecer afirmações de verdade capazes de resistir à subjetividade anuladora característica da desconstrução de Derrida, minando assim muitos dos objetivos teológicos almejados.¹¹⁴

É nesse cenário, seja no contexto ambíguo do construtivismo pós-moderno ou no contexto fechado do dogmatismo moderno, totalitário e absolutista, muitos pós-evangélicos contemporâneos expressam pesar em relação à sua fé. É também nesses contextos que a teologia protoevangélica apresentada por Willard tem se revelado uma alternativa sensata, inspiradora e fundamentada na Bíblia para um número crescente de pós-evangélicos esperançosos.¹¹⁵

O protoevangelicalismo de Dallas Willard busca “uma fuga das armadilhas e limitações dos debates, alterações e padrões da ortodoxia evangélica moderna/pós-moderna, sagrado/secular, revelacional/comunitária, fundamentalista/liberal”.¹¹⁶ Ao invés disso, Willard busca recuperar o que “Jesus primeiro ensinou, demonstrou e manifestou no Novo Testamento”¹¹⁷, desta maneira “podemos naturalmente nos tornar seus alunos ou aprendizes. Podemos aprender com ele a viver a vida como ele viveria se estivesse no nosso lugar. Podemos entrar agora na vida eterna de Cristo”.¹¹⁸

¹¹¹ BLACK JR., 2013, p. 213.

¹¹² BLACK JR., 2013, p. 217-218.

¹¹³ “Black cunha o termo protoevangelicalismo para descrever a análise mais profunda de Willard sobre a pneumatologia, antropologia, teo-ontologia, cristologia e eclesiologia - todas linhas de pensamento que expandem as fronteiras do evangelicalismo ao ir além dele para redescobrir suas raízes” (BLACK JR., 2013, p. 7).

¹¹⁴ BLACK JR., 2013, p. 220-221.

¹¹⁵ BLACK JR., 2013, p. 220-222.

¹¹⁶ BLACK JR., 2013, p. 222.

¹¹⁷ BLACK JR., 2013, p. 222.

¹¹⁸ WILLARD, 2001, p. 49.

Como foi visto neste artigo, Willard sugere que o “discurso” evangélico atualmente não se traduz em uma “conduta”.¹¹⁹ Na visão de Willard, “uma doutrina de crença que não envolve uma ação proporcional é ineficaz”¹²⁰, em suas palavras: “o preço pago pela falta de discipulado é exatamente a ausência da vida em abundância que Jesus veio trazer”.¹²¹

Willard quer formar a identidade de Cristo (*Christlikeness*) nos cristãos contemporâneos. Para isso, como foi visto anteriormente, ele sugere algumas disciplinas espirituais. Talvez, em um mundo pós moderno, marcado pelo consumismo exacerbado¹²², a pressão constante por resultados¹²³, a espiritualidade de “*fuga mundi*” e às “portas” do transhumanismo¹²⁴, a teoria e teologia de Dallas Willard possa apresentar-se como uma resposta ao incentivar a frugalidade¹²⁵, o “sábado”¹²⁶ (solitude, o silêncio e o jejum)¹²⁷, a importância do contexto social na formação espiritual¹²⁸, e colocar o “corpo” como um princípio fundamental na espiritualidade cristã.

A atração da proposta de Willard, a formação espiritual e as disciplinas espirituais, não reside na oferta de uma substituição para a epistemologia, teologia ou ontologia moderna. Em vez disso, Willard proporciona uma perspectiva mais apropriada (uma abordagem realista) pela qual os pós-evangélicos podem reconceituar os mesmos objetos e sujeitos que causavam sua angústia. Isso resulta da hábil aplicação, por parte de Willard, o resultado é uma sensação de redenção ou resgate de crenças e ideias que, embora preciosas, eram igualmente angustiantes. Os pós-evangélicos experimentam alívio ao perceberem que sua herança evangélica não foi completamente disfuncional ou mal concebida. Metaforicamente, a teologia *Willardiana* oferece a potencial remoção das lentes corretivas e contextuais da modernidade ou pós-modernidade, proporcionando uma nova perspectiva mais realista sobre conceitos evangélicos profundamente enraizados. Sua visão protoevangélica está guiando um número crescente de pós-evangélicos em direção a um futuro mais promissor e esperançoso.¹²⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, este artigo buscou apresentar e analisar as contribuições de Dallas Willard à formação espiritual cristã contemporânea. O primeiro capítulo abordou sua biografia e perspectivas centrais sobre discipulado, Reino de Deus, formação espiritual e disciplinas espirituais, destacando sua abordagem realista à epistemologia e sua teologia. Willard propõe uma resposta substancial aos desafios pós-

¹¹⁹ BLACK JR., 2013, p. 234.

¹²⁰ BLACK JR., 2013, p. 234.

¹²¹ WILLARD, 2008, p. 10.

¹²² JAMERSON, Fredric. Pós-modernidade e a sociedade de consumo. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 12, p.16-26, jun, 1985, p. 16.

¹²³ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 10.

¹²⁴ SMITH, James K. A.; CAVANAUGH, William T. (Orgs.). *A evolução e a queda: implicações da Ciência Moderna para a Teologia Cristã*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021, p. 241-242.

¹²⁵ WILLARD, 2003, p. 168.

¹²⁶ Para o autor o sábado “é, essencialmente, um dia semanal em que não realizamos nenhum trabalho: “Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao SENHOR, O teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum...” (Êx 20.9-10). Também era um ano, a cada sete anos, em que o povo da aliança de Deus não semeava, não podava as vinhas nem armazenava as colheitas (Lv 25.4-7). E à pergunta “Como vamos comer no sétimo ano?”, Deus respondeu: “... eu lhes enviarei a minha bênção no sexto ano, e a terra produzirá o suficiente para três anos” (Lv 25.21). Sem dúvida, o princípio moral também pode ser aplicado à nossa vida não-agrária, ainda que os detalhes dessa aplicação representem um grande desafio para nossa fé. Em termos bastante práticos, o sábado é simplesmente “lançar sobre ele toda a [nossa] ansiedade” e descobrir que, na verdade, “ele tem cuidado de [nós]” (cf. 1Pe 5.7; SI 37.3-8). É usar as chaves do reino para receber os recursos para a vida e o ministério frutíferos. Três práticas ou disciplinas espirituais são especialmente úteis para tornar o sábado uma realidade em nossa vida: a solitude, o silêncio e o jejum. São três disciplinas centrais de abstinências há muito praticadas pelos seguidores de Jesus para ajudá-los a se firmar e manter firmes no reino que não pode ser movido — em meio a uma vida ocupada e produtiva, ou mesmo uma vida de tribulação, conflito e frustração” (WILLARD, 2008, p. 21).

¹²⁷ WILLARD, 2008, p. 21.

¹²⁸ WILLARD, 2008, p. 85.

¹²⁹ BLACK JR., 2013, p. 241-242.

modernos, enfatizando uma vida alinhada à vontade divina e uma transformação tangível por meio de disciplinas espirituais.

O segundo capítulo explorou a crise paradigmática contemporânea. A perspectiva protoevangélica de Willard oferece uma alternativa equilibrada promovendo uma espiritualidade de diálogo e transformação no mundo pós-moderno. Deste modo, conclui-se que as contribuições de Willard destacam-se como uma resposta significativa aos dilemas espirituais contemporâneos. Sua abordagem sólida e equilibrada ressoa como um chamado à formação espiritual profunda e à vivência autêntica do Evangelho, revelando a pertinência duradoura de sua obra diante dos desafios espirituais do século XXI.

REFERÊNCIAS

ANJOS, M. F. **Teologia aberta ao futuro**. São Paulo: Loyola, 1997.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação de pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BLACK JR., Gary. **The theology of Dallas Willard**: discovering protoevangelical faith. Eugene: Pickwick, 2013.

CHAN, Simon. **Spiritual theology**: a systematic study of the christian life. Downers Grove: InterVarsity, 1998.

DALLAS WILLARD.ORG. **Dallas Willard**. Disponível em: <https://dwillard.org/about>. Acesso em: 10/10/2023.

ESPERANDIO, M. R. G. **Para entender pós-modernidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Igreja e missão no contexto de pós-modernidade. **Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, mai./ago. 2018, p. 363-389.

GUSSO, A. R. **Liderar é servir**: o modelo de liderança de Jesus. Curitiba: Fato É, 2007.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. **Sociedade do cansaço** [resenha]. *Crítica Cultural–Critica*, Palhoça, SC, v. 13, n. 2, p. 315-321, jul./dez. 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

JAMERSON, Fredric. Pós-modernidade e a sociedade de consumo. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n° 12, p.16-26, jun, 1985.

MORELAND, J. P. Tweaking Dallas Willard's Ontology of the Human Person. **Journal of Spiritual Formation & Soul Care**, 2015, Vol. 8, No. 2, p. 187-202.

NEFF, David (edit.). Books of the century: leaders and thinkers weigh in on classics that have shaped contemporary religious thought. **Christianity Today**. Vol. 44, N° 5, p. 1-130, 2000.

O'ROUKE, Elane. **A Dallas Willard Dictionary**. [S.l.]: Soul Training, 2013.

PORTER, Steve L. Editorial introduction in memoriam: Dallas Willard (September 4, 1935–May 8, 2013). **Journal of Spiritual Formation & Soul Care**, 2013, Vol. 6, Nº 2, p. 149-151.

PORTER, Steve L. The Willard Corpus. **Journal of Spiritual Formation & Soul Care**, 2010, Vol. 3, Nº 2, p. 239-266.

RENOVARÉ. **People**: In Memoriam. Disponível em: <https://renovare.org/about/people>. Acesso em: 02/10/2023.

SCHELLER, Christine A. '**Divine Conspirator**' Dallas Willard Dies at 77: Dallas Willard was on a quiet quest to subvert nominal Christianity. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/2006/september/27.45.html>. Acesso em: 23/08/2023.

SMITH, James K. A.; CAVANAUGH, William T. (Orgs.). **A evolução e a queda**: implicações da Ciência Moderna para a Teologia Cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021.

VANHOOZER, Kevin J. Putting on Christ: spiritual formation and the drama of discipleship. **Journal of Spiritual Formation & Soul Care**. Vol. 8, Nº 2, p. 147-171, 2015.

WILLARD, Dallas. **In search of guidance**. Ventura: Regal Books, 1984.

WILLARD, Dallas. **A conspiração divina**: um roteiro para trilhar no caminho de Deus. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

WILLARD, Dallas. **A grande omissão**: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

WILLARD, Dallas. **Curriculum vitae**. Disponível em: <https://s3.us-west-1.amazonaws.com/dwillard/Willard-Vitae.pdf>. Acesso: 10/10/2023.

WILLARD, Dallas. **Hearing God**: developing a conversational relationship with God: updated & expanded. Downers Grove: InterVarsity, 2012.

WILLARD, Dallas. **Knowing Christ today**: why we can trust spiritual knowledge. New York: Harper One, 2009.

WILLARD, Dallas. **Logic and the objectivity of knowledge**. Athens: Ohio University, 1984.

WILLARD, Dallas. **O espírito das disciplinas**. Rio de Janeiro: Habacuc, 2003.

WILLARD, Dallas. **Renovation of the heart**: putting on the character of Christ. Colorado Springs: Nav Press, 2002.

WILLARD, Dallas. Spiritual disciplines, spiritual formation and the restoration of the soul. **Journal of Psychology and Theology**, Spring 1998, Vol. 26, n.1, p. 101-109.

WILLARD, Dallas. Spiritual formation in Christ: a perspective on what it is and how it might be done. **Journal of Psychology and Theology**, 2000, Vol. 28, Nº 4, p. 254-258.

WILLARD, Dallas. Spiritual formation and the warfare between the flesh and human spirit. **Journal of Spiritual Formation & Soul Care**, 2008, Vol. 1, Nº 1, p. 79-87.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Tradução de Caio Liudvig. Petrópolis: Vozes, 2012.

YEGEN, Ceren; ABUKAN, Memet. Derrida and language: deconstruction. **International Journal of Linguistics**, Vol. 6, N° 2, p. 48-61, 2014.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*